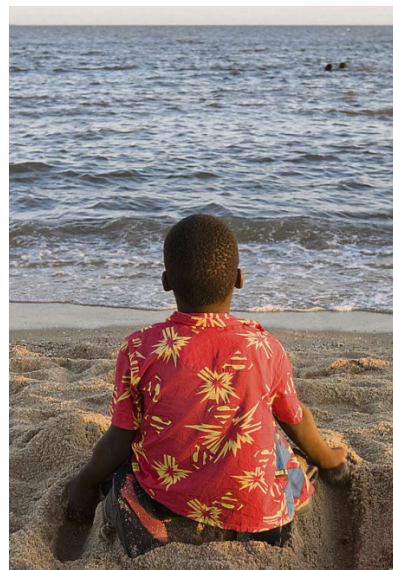


A alma apertada

Sob o domínio dos homens brancos. Com a obra *Asche und Sand*, Mia Couto conclui a grande trilogia sobre as feridas do colonialismo português em Moçambique.

De Ulrike Baureithel
10 agosto 2021



A 15 de junho de 1985, Samora Machel, um dos líderes do movimento independentista moçambicano e o primeiro Presidente da República de Moçambique até ocorrer um acidente de avião que nunca foi resolvido, esperava um convidado invulgar. Nesse dia, os restos mortais do Rei de Gaza, governante do último grande império bantu, foram transferidos para o país pelo Oceano Índico.

Ngungunyane, "o Terrível", alcunha que atribuiu a si próprio, manteve o seu domínio de muitos povos através da subjugação, roubo e violação até ser capturado, após invasão portuguesa comandada por Mouzinho de Albuquerque em 1895, e se exilar nos Açores com o seu filho Godide. Um outro filho, Zixaxa, converteu-se no exílio ao catolicismo.

É neste contexto histórico que Mia Couto, nascido na Beira, Moçambique, em 1955, desenvolve uma trilogia de grande escala [*As Areias do Imperador*], cujo primeiro volume valeu recentemente ao antigo ativista do movimento de libertação moçambicano FRELIMO o altamente dotado prémio literário suíço Jan Michalski. O segundo e terceiro volumes surgiram este ano numa edição só [*Asche und Sand*].

Depois de *Imani*, em *Asche und Sand* Mia Couto dá continuidade à história de Imani, uma menina de 15 anos que, numa escola missionária, aprendeu perfeitamente a língua dos colonizadores. Presa entre culturas, Imani parece predestinada a ser uma mediadora. Em vez de descalça, anda com sapatos, mas este símbolo tem um preço. "Os teus passos nunca mais serão os teus próprios. Tu serás diferente das outras mulheres negras. E sempre que apertares os atacadores, será a tua alma que estarás a apertar", uma ideia que lhe é profetizada num sonho.

Um amor contra todas as resistências

O primeiro volume termina com a invasão dos VaNgunis à aldeia de Imani, Nkokolani, a morte da sua mãe e o tiro sobre o Sargento Germano de Melo, de quem era empregada doméstica. Como resultado desse episódio, o homem de espírito republicano, que odeia a monarquia portuguesa e cuja farda veste contra a sua vontade, perde vários dedos. Há, no entanto, um sentimento de ternura entre os dois.

A segunda parte começa com a fuga dos protagonistas: além de Imani e do Sargento gravemente ferido, eles são o pai inválido Katini Nsambe e Bianca, uma italiana que gere um bordel e quer fazer da bela Imani uma prostituta. Andam à deriva num barco no Inharrime, com destino ao posto de saúde de um missionário suíço, mas acabam por desembarcar na terra do padre que criou Imani, onde o seu último irmão, que aceitara trabalhar para os portugueses, é alvejado por um oficial.

Germano de Melo e Imani querem casar contra todas as resistências. O Sargento é advertido por carta: “Não faz ideia do que é estar casado com uma mulher negra” e “se casar com uma mulher negra, casa com uma raça inteira”. O padre, por sua vez, deixou Imani a pensar, perguntando-lhe: “É isso que queres ser, uma mulher negra no mundo dos brancos?”.

Entretanto, a situação política e militar é extremamente confusa. A tentativa de Zixaxa de expulsar os portugueses falha. Estes avançam sem, contudo, ganhar o controlo da região interior. Os missionários renegados são expulsos do país, enquanto o General Mouzinho de Albuquerque que, no decorrer da ação, capturará o rei VaNguni como troféu para o seu país, joga o seu próprio jogo independentemente das instruções da coroa portuguesa.

Desconfiança, espionagem e traição

Como no primeiro volume, Mia Couto conta as histórias complicadas e apenas gradualmente compreensíveis a partir de diferentes perspetivas narrativas. Imani narra as suas experiências no barco, nas estações da missão e, mais tarde, no exílio em Portugal num estilo quase oral. O contexto político é retratado em forma de cartas.

No início, Germano de Melo e o seu superior historicamente reconhecido, o Tenente Ayres de Ornelas, trocam correspondência. Mais tarde, um número de cartas cada vez maior é trocado entre diferentes atores, por forma a retratar os acontecimentos complexos. São acrescentadas fontes documentais e mitos, poemas e declarações que introduzem cada um dos breves capítulos.

Nesta alternância constante de crónica e invenção, a orientação é difícil, uma vez que novos fios de Ariadne estão sempre a ser tecidos. A desconfiança, espionagem e traição são omnipresentes na cultura de competição colonial e missionária europeia, na

cobertura política de poder em África e em inúmeras rixas tribais. Imani que, entretanto, está grávida, é também envolvida na propaganda lusitana: “Todas as noites mudo de papel, a intérprete torna-se denunciadora – ou traio os meus irmãos e irmãs ou sou enviada de volta para Moçambique depois de dar à luz. Sem o meu filho, sem Germano, sem os meus sonhos”.

O facto de os homens deste romance fazerem todos uma figura triste obedece aos exemplos históricos, que podem também ser observados em fotografias disponíveis no apêndice do livro. Só após a I Guerra Mundial é que este “crepúsculo dos homens” se tornará visível em toda a Europa.

O romance destaca-se por imagens fantásticas e narrativas míticas

Ainda mais atual, porém, é a “ferida não curável” infligida pelo colonialismo em África. A trilogia revela de forma literária a “memória mutilada” do colonialismo, com todo o racismo e o relativismo cultural que ainda hoje provoca dores. “Não quero uma mulher negra que fale português tão bem como eu e me olhe com arrogância nos olhos”, lê-se numa carta de um oficial português. “Interessam-me as outras, as verdadeiras negras, que são mais reais e mais selvagens”.

É característico desta obra, que oscila entre a historiografia e a fantasia, que os personagens reais se apresentem com mais contorno e cor do que os inventados. Imani, por exemplo, conduz o coro de mulheres indígenas em vez de aparecer como uma figura de carne e osso: “Carrego palavras nos meus pés tecendo com elas uma teia que liga as diferentes raças”, é o programa poético.